COOPERATIVISMO DE CRÉDITO E SEUS IMPACTOS SOCIAIS: A EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM FOCO

CREDIT COOPERATIVES AND THEIR SOCIAL IMPACTS: FINANCIAL EDUCATION IN FOCUS

Autor(es): Edilaine Dutra Teixeira e Ana Lúcia Magri Lopes
Filiação: Centro Universitário Unihorizontes
E-mail: edilaine@sicoob.com.br; ana.lopes@unihorizontes.br

Eixo temático: <<4.2 Educação, Inovação e Diversidade>>

Resumo

Este estudo investigou a importância da educação financeira nas escolas, explorando as perspectivas dos alunos do ensino médio e dos diretores de escolas privadas, em Belo Horizonte-MG. Utilizando uma abordagem qualitativa e descritiva, foram coletados dados por meio de entrevistas com 15 alunos e 3 diretores de escolas privadas na cidade de Belo Horizonte. Os resultados revelaram uma unanimidade entre os alunos quanto à importância da educação financeira, destacando a necessidade de aprender a gerenciar o dinheiro de forma responsável e eficaz. No entanto, a falta de exposição à educação financeira na escola foi uma descoberta preocupante, ressaltando a urgência de integrar esse tema no currículo escolar. Os diretores expressaram visões divergentes sobre a inclusão obrigatória da educação financeira, mas concordaram sobre os benefícios adicionais que ela pode proporcionar além da preparação dos alunos para o futuro. A colaboração com instituições financeiras foi identificada como uma estratégia promissora para promover a educação financeira dos alunos. Este estudo contribui para a compreensão da importância da educação financeira nas escolas e destaca a necessidade de abordagens flexíveis e colaborativas para sua implementação eficaz.

Palavras-chave: Educação financeira; Cooperativismo; Escolas privadas; Ensino médio; Desenvolvimento educacional.

Abstract

This study investigated the importance of financial education in schools by exploring the perspectives of high school students and private school principals in Belo Horizonte, MG. Using a qualitative and descriptive approach, data were collected through interviews with 15 students and 3 principals from private schools in the city of Belo Horizonte. The results revealed a unanimous agreement among the students on the importance of financial education, emphasizing the need to learn how to manage money responsibly and effectively. However, the lack of exposure to financial education in school was a concerning finding, highlighting the urgency of integrating this subject into the school curriculum. The principals expressed divergent views on the mandatory inclusion of financial education but agreed on the additional benefits it can provide beyond preparing students for the future. Collaboration with financial institutions was identified as a promising strategy to promote students' financial education. This study contributes to understanding the importance of financial education in schools and underscores the need for flexible and collaborative approaches for its effective implementation.

Keywords*:* Financial education; Cooperativism; Private schools; High school; Educational development**.**

1. Introdução

As cooperativas de crédito representam uma forma singular de instituição financeira, baseada na associação de indivíduos para o fornecimento de serviços financeiros exclusivamente aos seus membros. A base desse modelo não reside no lucro, mas sim, na igualdade de direitos e deveres e na adesão livre e voluntária. Por meio das cooperativas de crédito, os associados têm acesso a uma variedade de serviços financeiros, desde contas correntes até empréstimos e financiamentos, encontrando atendimento personalizado para suas necessidades (BCB, 2024).

Essa forma de empreendimento coletivo promove um ciclo virtuoso de desenvolvimento, onde a união de pessoas em torno de um propósito comum gera

crescimento econômico e social nas comunidades onde atuam. As cooperativas, pautadas em sete princípios fundamentais, têm sido agentes impulsionadores do desenvolvimento equitativo e democrático desde os seus primórdios na Revolução Industrial, como exemplificado pela Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale, em 1844. Dentre esses princípios, destaca-se a importância da educação, formação e informação. Este princípio reflete a necessidade de constantemente qualificar os membros, representantes eleitos, administradores e funcionários das cooperativas, visando não apenas ao seu crescimento, mas também ao benefício da sociedade em geral. Nesse contexto, emerge a relevância da educação financeira como ferramenta essencial para promover o desenvolvimento sustentável e equitativo das comunidades (SCHNEIDER, 1991).

Frente a um cenário em que a educação financeira é cada vez mais reconhecida como uma competência essencial para a cidadania plena, permitindo que os indivíduos tomem decisões informadas sobre gestão de recursos, investimentos e planejamento de futuro, faz-se necessário o seguinte questionamento: Qual a importância da educação financeira na grade curricular do ensino médio de escolas privadas?

Para responder tal questionamento, delineou-se como objetivo deste estudo analisar a percepção de diretores e alunos do 3º ano do ensino médio, em Belo Horizonte, sobre a importância da educação financeira na grade curricular das escolas privadas onde estão inseridos.

Metodologicamente, este estudo se caracteriza como qualitativo e descritivo, buscando explorar e compreender as percepções e experiências dos participantes. Para a coleta de dados, utilizou-se entrevistas realizadas com 15 alunos e 3 diretores, totalizando 18 (dezoito) pessoas. Posteriormente, os dados coletados foram tratados por meio da análise de conteúdo.

A presente pesquisa, ao investigar a importância da educação financeira na grade curricular de escolas privadas do ensino médio, pode oferecer contribuições significativas para diversos setores, incluindo cooperativas, academia e escolas. Para as cooperativas a inclusão da educação financeira no ensino médio pode fomentar uma geração de pessoas mais conscientes e preparadas para o mercado financeiro. Para a academia esta pesquisa

poderá enriquecer a literatura acadêmica ao ampliar o conhecimento atual e sugerir novas direções para pesquisas em educação e finanças, além de possibilitar aos professores desenvolver currículos mais eficazes e metodologias de ensino inovadoras. Para as escolas, de forma geral, a análise das percepções de diretores e alunos sobre a educação financeira pode fornecer uma compreensão mais profunda sobre a eficácia e a importância dessa disciplina na grade curricular.

2. Cooperativismo e Educação Financeira nas Escolas

O cooperativismo é considerado um modelo econômico e social amparado na cooperação voluntária entre pessoas com interesses comuns, que se unem para satisfazer suas necessidades econômicas, sociais e culturais de forma democrática e autônoma. Os princípios cooperativistas, estabelecidos pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI), incluem adesão voluntária e aberta, gestão democrática, participação econômica dos membros, autonomia e independência, educação, formação e informação, cooperação entre cooperativas e interesse pela comunidade (ACI, 2020).

As cooperativas têm um impacto socioeconômico significativo nas comunidades onde estão inseridas, promovendo a criação de empregos, distribuição de renda, acesso a bens e serviços, além de fortalecer a economia local (Birchall, 2018). O cooperativismo também é reconhecido por sua capacidade de promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social, ao proporcionar oportunidades de participação e empoderamento aos seus membros.

A educação financeira refere-se ao processo de capacitar indivíduos com conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para tomar decisões financeiras informadas e responsáveis ao longo da vida. Seus objetivos incluem promover o entendimento dos princípios básicos de finanças pessoais, como orçamento, poupança, investimento, crédito e planejamento financeiro, além de fomentar uma cultura de gestão financeira prudente e sustentável (OCDE, 2005).

Desta forma, se a criança ou adolescente já tiver o conhecimento da educação

financeira, o seu futuro tomará rumos diferentes e muito mais certeiros em relação as suas finanças. Segundo Cerbasi (2011), a falta de estímulo na área ocasiona um ciclo vicioso, isto porque os filhos ao chegar à independência financeira apresentam as mesmas dificuldades que seus genitores para tratar do dinheiro e das finanças.

De acordo com Modernell (2011), a educação financeira nada mais é do que praticar e levar uma vida com melhores costumes e hábitos financeiros. Muitas das vezes podendo ser aplicada de forma simples, como por exemplo, buscar sempre efetuar os pagamentos necessários à vista, ter em mente que imprevistos acontecem, principalmente em relação à saúde, ou seja, sempre ter ou tentar ter um fundo de reserva para essas emergências, pesquisar melhores preços no mercado, controlar as despesas ativas e variáveis, entre outros.

Kiyosaki e Lechter (2000), enfatizam a importância de se começar cedo a ensinar Educação Financeira às crianças. Infelizmente, a maioria dos pais não assume esse compromisso, nem tem condições de fazê-lo. Complementando, D'Aquino (2008), expões que a educação financeira infantil, quando bem feita, prepara a criança para os mais diversos obstáculos e surpresas da vida adulta. A autora defende que é de fundamental importância a preparação das novas gerações para acontecimentos específicos em relação a situações de trabalho e de resolução de problemas, já que viverão em uma situação de maior flexibilidade em termos de legislação trabalhista, além do fato de que viverão mais e certamente passarão por períodos de mudanças econômicas.

O ensino da educação financeira, segundo Domingos (2016), não se apoia somente na matemática, cálculos e planilhas, sendo o assunto bastante superior do que isto, mesmo considerando que estas são ferramentas essenciais a serem usadas. Similarmente é fundamental observar que as práticas da vida diária afetam a forma como se utiliza o dinheiro, ou seja, é base para a educação financeira. Dessa forma, faz-se preciso o progresso da pedagogia das pessoas de maneira integral para que haja uma união da atuação educadora, como sublinha Perissé (2014).

Godfrey (2007), diz que o grande endividamento da parcela jovem da população é explicado pela facilidade de obtenção de cartões de crédito e a inexistência de uma

educação financeira eficiente. Para a autora, é preciso dialogar com as crianças desde bem pequenos, explicando o valor do dinheiro e incentivando a criação de um senso crítico, sem uma educação eficaz guiada à responsabilidade financeira, essas crianças crescem confundindo o valor pessoal ligado à personalidade e caráter de cada indivíduo com o valor medido pelo acúmulo de patrimônio.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2012), defende que, para que a abordagem de educação financeira escolar seja efetiva em escala mais abrangente, é preciso que ela seja parte de uma estratégia nacional direcionada à capacitação financeira da população, e não apenas uma estratégia isolada.

Para isso, a OCDE (2012) expõe que o ideal seria que a estratégia possua uma instituição líder que assegure a relevância do projeto e a sustentabilidade de longo prazo. Essa estratégia, que pode ser de caráter nacional, regional ou local, deve garantir que o conteúdo explorado estimule conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. A organização defende, ainda, que a educação financeira deve ser tida como parte essencial do currículo escolar. Apesar de poder ser explorada como uma disciplina isolada, o ideal é que ela converse com outras disciplinas do currículo escolar e promova uma integração entre elas, já que tem o poder de trazer a ideia de realidade para o contexto das demais matérias e, consequentemente, dando mais base na preparação dos estudantes para a vida real.

Existe um movimento do Banco Central do Brasil (BCB, 2024), para a implantação da educação financeira nas escolas que visa trazer mais qualidade de vida para milhões de cidadãos e famílias, no presente e no futuro. Para contribuir com essa transformação o Banco Central criou o programa Aprender Valor. Esse programa busca apoiar redes de ensino e escolas públicas de ensino médio para que estudantes em todo o país desenvolvam competências e habilidades de Educação Financeira e Educação para o Consumo.

Silva et al (2019) discorrem que o fato de desenvolver habilidades acumulando conhecimentos financeiros é uma necessidade do mundo moderno. Já Fonseca e Bettencourt (2019) apontam que as opções financeiras dos cidadãos são cada vez mais

difíceis pela diversidade e complexidade dos produtos e, dessa forma, devem se fundamentar em conhecimentos e atitudes.

A educação financeira nas escolas tem se tornado uma preocupação crescente no Brasil, dada a importância de capacitar os jovens com habilidades financeiras desde cedo. Autores contemporâneos como Domingos (2016) têm destacado a necessidade de abordar questões financeiras de forma prática e acessível, fornecendo ferramentas e estratégias que possam ser implementadas no contexto escolar.

Arruda (2023) diz que a Educação Financeira desempenha um papel crucial no desenvolvimento da sociedade, fornecendo orientação sobre assuntos financeiros que impactam diretamente a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas. A compreensão das complexidades econômicas e financeiras é essencial para uma população bem-informada. No entanto, temas como planejamento financeiro, renda, despesas, juros compostos, crédito, poupança, investimentos e impactos inflacionários ainda permanecem distantes da maioria da população brasileira.

Ainda de acordo com Arruda (2023) educadores precisam aprimorar seus próprios planejamentos financeiros, e as famílias dos alunos também devem ser impactadas, transformar os alunos em multiplicadores do conhecimento pode ampliar a democratização e capilaridade do acesso à educação financeira.

Esses autores brasileiros representam vozes importantes no cenário da educação financeira nas escolas, oferecendo insights valiosos e recursos práticos para educadores e estudantes em todo o país. Suas contribuições são fundamentais para o desenvolvimento de programas eficazes de educação financeira, capacitando as gerações futuras a tomarem decisões financeiras mais conscientes e responsáveis.

3. Metodologia

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa e descritiva, baseada na compreensão aprofundada e contextualizada dos fenômenos investigados (Minayo, 2010). A escolha por esta abordagem foi fundamentada na natureza exploratória do tema,

visando capturar as percepções, experiências e opiniões dos participantes de maneira holística e detalhada (Creswell, 2013).

As unidades de observação foram três escolas privadas localizadas em Belo Horizonte-MG, definidas pelo critério de acessibilidade. A unidade de análise consiste na percepção sobre a importância da educação financeira na grade curricular das referidas escolas, na perspectivas de diretores e alunos.

Para a coleta de dados, utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturado, direcionado a 03 diretores, sendo um de cada escola e 15 alunos, sendo 05 de cada escola. Os sujeitos foram selecionados de forma intencional, considerando critérios como representatividade e diversidade de opiniões. As entrevistas foram conduzidas de forma presencial, garantindo um ambiente confortável e propício para o diálogo (Bogdan; Biklen, 1994).

Após a coleta de dados, foi realizada uma análise de conteúdo, seguindo os passos propostos por Bardin (2011). Esta análise envolveu a codificação dos dados, identificação de categorias e temas emergentes, e interpretação dos resultados.

4. Apresentação e Análise dos Resultados

Os sujeitos desta pesquisa foram 15 alunos e 3 Diretores de escolas privadas, na cidade de Belo Horizonte, totalizando 18 pessoas. No grupo de alunos, 10 são do sexo feminino e 5 do sexo masculino, estão na faixa etária entre 16 e 17 anos e são estudantes do 3º ano do ensino médio. Quanto ao grupo de Diretores, 2 deles são do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades de 57, 62 e 71 anos.

4.1 Importância da educação financeira na opinião dos alunos

A pesquisa realizada com os 15 alunos, sobre a importância da educação financeira, revelou um resultado unânime, ou seja, todos os participantes consideraram a educação financeira de extrema importância, tanto para a vida pessoal, quanto

profissional. Desses 15 alunos pesquisados, 10 deles responderam que o mais importante em aprender sobre educação financeira é a preocupação em gerenciar o dinheiro de forma responsável, outros 4 alunos disseram que seria para poupar e investir de forma eficaz, enquanto somente 1 aluno considerou que o mais importante é *"compreender os conceitos básicos da economia"*. A resposta do aluno demonstra pouco interesse em aprender sobre a economia financeira de forma teórica, mas, muito interesse nas questões práticas.

Sobre se a escola já forneceu informação acerca da educação financeira, os resultados da pesquisa indicam uma lacuna significativa na exposição à educação financeira entre os alunos entrevistados, uma vez que todos os 15 alunos afirmaram não ter recebido nenhuma informação sobre o tema na escola até o momento. Essa falta de exposição à educação financeira é preocupante, especialmente considerando que esses alunos estão prestes a entrar no mercado de trabalho e enfrentar desafios financeiros mais complexos, podendo até mesmo contrair dívidas devido à falta de conhecimentos que poderia ser evitada.

É neste sentido que Cerbasi (2011) menciona que a melhor forma de diferenciar um milionário de um endividado se inicia na primeira etapa da vida, de forma a educá-los sobre os certames da educação financeira. Dando início a esse ponto, pode-se colocar que, educação financeira nunca será importante apenas para adultos, muito pelo contrário, ela se faz presente em qualquer idade, visto que, é por meio dela que esses jovens em formação poderão entender melhor sobre a relação entre o que seria o trabalho, e ao que se refere o mesmo, e como é conquistado o seu salário.

Neste contexto, foi solicitado aos alunos que fizessem uma autoavaliação sobre os seus conhecimentos no que tange a gerenciar o seu próprio dinheiro. Os resultados apontam que 8, dos 15 alunos, se sentem parcialmente seguros, enquanto 7 se sentem parcialmente inseguros. Isso significa que nenhum aluno se considera totalmente seguro em relação aos seus conhecimentos financeiros, sugerindo que eles têm algum grau de compreensão sobre questões financeiras básicas. Por outro lado, o fato de nenhum aluno se sentir totalmente seguro indica que há áreas de conhecimento que ainda são percebidas

como desconhecidas ou incertas. A falta de alunos se considerando totalmente seguros pode refletir uma conscientização sobre as limitações de seus conhecimentos financeiros. Eles reconhecem que ainda têm muito a aprender sobre como gerenciar eficazmente seu dinheiro e estão abertos a adquirir novas habilidades e conhecimentos para melhorar sua competência financeira.

De acordo com Modernell (2011), a educação financeira não se trata apenas de aprender a economizar dinheiro, ela é capaz de proporcionar um futuro e uma qualidade de vida melhor, incluindo a segurança necessária para viver bem. Assim, ela deve ser vista como uma conjunção de hábitos que contribuem para elevar e equilibrar a situação, proveito, proventos e perspectivas relacionadas as finanças pessoais.

Os dados desta pesquisa revelam uma variedade de percepções entre os alunos sobre a extensão desejada da educação financeira. Enquanto 10 alunos mencionaram a família como uma fonte de orientação financeira, indicando uma preferência por aprender sobre finanças dentro do contexto familiar, um aluno expressou nunca ter recebido orientações financeiras até o momento. Essa resposta destaca uma lacuna preocupante na educação financeira desses alunos, ressaltando a importância de também fornecer recursos e suporte educacional fora do ambiente escolar. Por outro lado, os 4 alunos que destacaram as discussões informais em sala de aula como preferência sugerem uma valorização do ambiente de aprendizado colaborativo e da troca de ideias sobre questões financeiras entre os colegas.

Sobre a concordância dos alunos no que ser refere à inclusão da educação financeira como parte obrigatória do currículo escolar, identificou-se opiniões diferentes entre os alunos, a saber: Apoio pela Inclusão Obrigatória; Preocupações ou Resistência; e Indecisão ou Falta de Informação, como pode ser observado, a seguir:

Apoio pela Inclusão Obrigatória**:** O fato de 6 dos 15 alunos concordarem que a educação financeira deve ser parte obrigatória do currículo escolar sugere um reconhecimento sobre a importância desse tema na formação educacional. Esses alunos podem valorizar os benefícios de uma educação financeira estruturada e sistemática para preparar os estudantes para os desafios financeiros da vida adulta. Domingos (2016),

sublinha que o ensino da educação financeira não se apoia somente na matemática, cálculos e planilhas, mesmo considerando que estas são ferramentas essenciais a serem usadas. É fundamental observar que as práticas da vida diária afetam a forma como se utiliza o dinheiro, ou seja, é base para a educação financeira.

Preocupações ou Resistência: A presença de 3 alunos dos 15 alunos que responderam não à inclusão obrigatória da educação financeira pode refletir preocupações ou resistência em relação a essa ideia. Esses alunos podem questionar a necessidade de tornar a educação financeira obrigatória no currículo escolar, argumentando sobre a sobrecarga curricular ou prioridades educacionais diferentes. Destaca-se, entretanto, que a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2012), defende que, para que a abordagem de educação financeira escolar seja efetiva em escala mais abrangente, é preciso que ela seja parte de uma estratégia nacional direcionada à capacitação financeira da população, e não apenas uma estratégia isolada. Cabe ressaltar que essa estratégia, que pode ser de caráter nacional, regional ou local, deve garantir que o conteúdo explorado estimule conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. A OCDE (2012) defende, ainda, que a educação financeira deve ser tida como parte essencial do currículo escolar. Apesar de poder ser explorada como uma disciplina isolada, o ideal é que ela "converse" com outras disciplinas do currículo escolar e promova uma integração entre elas, já que tem o poder de trazer a ideia de realidade para o contexto das demais matérias e, consequentemente, dando mais base na preparação dos estudantes para a vida real.

Indecisão ou Falta de Informação: A proporção significativa de alunos (6 de 15) que responderam não ter certeza sugere uma indecisão ou falta de informação sobre a inclusão obrigatória da educação financeira. Esses alunos podem não ter formado uma opinião clara sobre o assunto devido à falta de familiaridade com o tema ou reflexão insuficiente sobre suas implicações.

Em relação aos tipos de tópicos relacionados à educação financeira gostariam de aprender, os dados apontam para uma variedade de interesses, entre os alunos, em aprender sobre tópicos específicos como: orçamento pessoal, poupança e investimento,

uso responsável do crédito, impostos e taxas, e planejamento financeiro para o futuro. Esses resultados revelam que embora alguns alunos tenham expressado não concordar com a inclusão obrigatória da educação financeira no currículo escolar, isso não significa necessariamente uma falta de interesse relacionada à temática sobre educação financeira, pelo contrário, isso sugere que os alunos têm diferentes prioridades e áreas de interesse dentro do campo abrangente da educação financeira, refletindo a diversidade de necessidades e experiências financeiras entre os estudantes. Acrescenta-se que os tópicos escolhidos pelos alunos, como orçamento pessoal, poupança e investimento, e planejamento financeiro para o futuro, são todos altamente relevantes para a vida adulta.

Godfrey (2007), já mencionava que o grande endividamento da parcela jovem da população é explicado pela facilidade de obtenção de cartões de crédito e a inexistência de uma educação financeira eficiente. Para a autora, é preciso dialogar com as crianças desde bem pequenos, explicando o valor do dinheiro e incentivando a criação de um senso crítico. Isso deve ser realizado principalmente porque, em uma cultura em que os meios de comunicação apresentam anúncios focados a crianças a partir dos três anos de idade, ocorre que, sem uma educação eficaz guiada à responsabilidade financeira, essas crianças crescem confundindo o valor pessoal ligado à personalidade e caráter de cada indivíduo com o valor medido pelo acúmulo de patrimônio.

Assim, os tópicos de interesse identificados pelos alunos apresentam oportunidades significativas para o engajamento e a aprendizagem ativa. Eles podem servir como pontos de partida para o desenvolvimento de programas educacionais personalizados e abordagens de ensino que atendam às necessidades específicas dos alunos e promovam uma compreensão profunda e duradoura dos princípios financeiros.

Cabe ressaltar que a educação financeira nas escolas tem se tornado uma preocupação crescente no Brasil, dada a importância de capacitar os jovens com habilidades financeiras desde cedo. Domingos (2016) têm destacado a necessidade de abordar questões financeiras de forma prática e acessível, fornecendo ferramentas e estratégias que possam ser implementadas no contexto escolar.

Apesar das diferenças de opinião dos pesquisados sobre a inclusão obrigatória da

educação financeira no currículo escolar, os dados revelam um forte interesse entre os alunos em aprender sobre uma variedade de tópicos relacionados à educação financeira. Isso destaca a importância de oferecer uma educação financeira abrangente e adaptada às necessidades e interesses dos alunos, preparando-os de forma eficaz para enfrentar os desafios financeiros da vida adulta.

A análise desses dados revela que todos os alunos entrevistados discutem questões de educação financeira com suas famílias, com 7 alunos indicando que discutem regularmente e 8 alunos indicando que discutem às vezes. Os dados sugerem que as discussões de educação financeira em família são comuns entre os alunos entrevistados, destacando o papel central da família no desenvolvimento das habilidades financeiras dos jovens e a importância de aproveitar essas oportunidades para promover uma educação financeira sólida. Neste sentido, Kiyosaki e Lechter (2000), enfatizam a importância de se começar cedo a ensinar Educação Financeira às crianças. Infelizmente, a maioria dos pais não assume esse compromisso, nem tem condições de fazê-lo.

Desta forma, se a criança ou adolescente já tiver o conhecimento da educação financeira, o seu futuro tomará rumos diferentes e muito mais certeiros em relação as suas finanças. Segundo Cerbasi (2011), a falta de estímulo na área ocasiona um ciclo vicioso, isto porque os filhos ao chegar à independência financeira apresentam as mesmas dificuldades que seus genitores para tratar do dinheiro e das finanças.

Um número significativo de alunos (7) expressaram incerteza em relação à sua preparação para tomar decisões financeiras importantes após concluir o ensino médio. Isso sugere uma falta de confiança ou clareza sobre suas habilidades financeiras e conhecimentos necessários para enfrentar desafios financeiros significativos no futuro próximo. Os alunos que responderam "não tenho certeza" em relação à sua preparação financeira indicam a percepção de desafios significativos ou lacunas em suas habilidades financeiras. Eles podem se sentir inadequadamente preparados para lidar com questões como gerenciamento de orçamento, economia, investimentos ou planejamento financeiro para o futuro. Apenas um aluno expressou confiança em sua preparação financeira, a maioria dos alunos expressou alguma forma de insegurança ou incerteza. Isso destaca a

necessidade de uma educação financeira mais robusta e abrangente no currículo escolar, a fim de equipar os alunos com as habilidades e o conhecimento necessários para tomar decisões financeiras informadas e responsáveis (Domingos, 2016; Silva *et al.*, 2019; Fonseca; Bettencourt, 2019).

As respostas adicionais dos alunos ressaltam a importância da educação financeira em diferentes estágios do ensino fundamental e médio. Quando perguntado aos alunos se teriam algum comentário adicional sobre a importância da educação financeira nas escolas, obteve-se as seguintes respostas:

> "Acho que a partir do 9º ano deveria ser obrigatório a educação financeira em todas as escolas".
> "Acredito que é importante a educação financeira desde pequeno".
> "Educação financeira deveria fazer parte do currículo escolar".
> "A educação financeira deveria ser tão importante quanto aprender matemática ou ciências".

A sugestão de que a educação financeira deveria ser obrigatória a partir do 9º ano destaca a necessidade de iniciar o ensino desse tema em um estágio mais avançado da escolaridade, possivelmente quando os alunos estão se aproximando da transição para a vida adulta e enfrentarão desafios financeiros mais complexos. Por outro lado, a ênfase na importância da educação financeira desde cedo reforça a ideia de que ensinar conceitos financeiros básicos desde a infância pode estabelecer uma base sólida para o entendimento financeiro ao longo da vida, cconforme afirma de D'Aquino (2008).

De um modo geral essas respostas destacam a necessidade de uma abordagem abrangente e contínua da educação financeira nas escolas, além das matérias curriculares obrigatórias, adaptada às diferentes idades e níveis de desenvolvimento dos alunos, para capacitá-los a tomar decisões financeiras informadas e responsáveis em todas as fases de suas vidas.

4.2 Importância da educação financeira na opinião dos Diretores

A abordagem realizada com os diretores das três escolas pesquisadas seguiu uma

perspectiva similar à adotada com os alunos, com o uso praticamente idêntico das perguntas direcionadas aos estudantes. A seguir, são apresentadas as análises das respostas considerando cada diretor (1), (2) e (3).

Quando indagados sobre a importância da inclusão da educação financeira na grade curricular do ensino fundamental, os diretores (1) e (3) manifestaram considerá-la de extrema importância, enquanto o diretor (2) a classificou como relevante. Essa diferença de opiniões pode refletir visões adversas sobre a prioridade e o impacto da educação financeira no desenvolvimento dos alunos.

Nesse sentido Arruda (2023) discorre que a Educação Financeira desempenha um papel crucial no desenvolvimento da sociedade, fornecendo orientação sobre assuntos financeiros que impactam diretamente a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas. Arruda (2023) complementa, ainda, que educadores precisam aprimorar seus próprios planejamentos financeiros, e as famílias dos alunos também devem ser impactadas, transformar os alunos em multiplicadores do conhecimento pode ampliar a democratização e capilaridade do acesso à educação financeira.

Questionados sobre a oferta de educação financeira aos alunos do ensino fundamental, o diretor (2) declarou a inexistência desse tipo de iniciativa, ao passo que os diretores (1) e (3) afirmaram que sim, respectivamente:

> "No ano passado, oferecemos essa abordagem por meio de eletivas, permitindo a livre escolha dos alunos. Em 2024, houve uma revisão nos itinerários, cessando essa oferta. Contudo, para 2025, estamos propondo sua reintrodução para o 5º ano." (Diretor 1)
>
> "Apesar de não termos uma matéria específica, nosso material didático contempla conteúdos relacionados à educação financeira." (Diretor 3)

Observa-se que os diretores (1) e (3) adotam diferentes abordagens para oferecer educação financeira aos alunos do ensino médio. Enquanto o diretor (1) optou por oferecer eletivas específicas, o diretor (3) menciona a inclusão de conteúdos relacionados à educação financeira no material didático, embora não exista uma disciplina específica. Essas estratégias demonstram uma preocupação em abordar questões financeiras, embora de maneiras distintas. Sobre isso Perissé (2014) discorre que faz-se preciso o progresso

da pedagogia das pessoas de maneira integral para que haja uma união da atuação educadora.

As opiniões se divergem ao serem questionados se a educação financeira deveria integrar o currículo escolar. Os diretores (1) e (2) concordaram com essa possibilidade, com um deles enfatizando a necessidade de torná-la parte obrigatória, não somente a educação financeira, mas também o empreendedorismo, noções de mercado, trabalho e princípios básicos da economia. O diretor que discordou dessa proposição adicionou que, ao invés de ser obrigatória, deveria ser integrada às situações de aprendizagem, tanto na disciplina de matemática quanto na abordagem de conteúdos socioemocionais.

Cerbasi (2016) afirma que o ensino da educação financeira não se apoia somente na matemática, cálculos e planilhas, sendo o assunto muito superior a isso. No contraponto a OCDE (2012) defende que a educação financeira deve ser tida como parte essencial do currículo escolar.

Ao serem indagados se concordavam que a educação financeira poderia proporcionar benefícios adicionais além da preparação dos alunos para o futuro, os três diretores concordaram de forma unânime, com um deles destacando que tais benefícios se estendem às famílias dos estudantes e promovem uma cultura dentro da comunidade escolar, indo ao encontro do pensamento de Arruda (2023).

Por fim, quando questionados sobre a necessidade de as escolas estabelecerem parcerias com instituições financeiras ou órgãos externos para desenvolver o tema da educação financeira para os alunos, e de que forma essa parceria deveria ocorrer, os três diretores concordaram afirmativamente. Um deles sugeriu que essa colaboração poderia se dar por meio da realização de eventos, palestras, encontros, criação de cartilhas e orientação para as famílias.

Isso revela a importância percebida pelos diretores das escolas sobre a necessidade de parcerias com instituições financeiras ou órgãos externos para promover a educação financeira dos alunos. Essa cooperação é vista como uma estratégia eficaz para complementar o currículo escolar e preparar os estudantes para lidar com questões financeiras no futuro. A sugestão de realizar eventos, palestras, encontros, criar cartilhas

e fornecer orientação para as famílias evidencia a variedade de métodos e recursos que podem ser utilizados nessa colaboração. Essas atividades não só enriquecem o ambiente educacional, mas também estendem o alcance da educação financeira para além das salas de aula, envolvendo as famílias dos alunos e a comunidade em geral.

A OCDE (2012) propõe que a inserção da educação financeira nas escolas seja feita de forma estratégica e possua uma instituição líder que assegure a relevância do projeto e a sustentabilidade de longo prazo, e que seja identificada uma fonte de financiamento que apoie o projeto desde o início e se mantenha sustentável.

No campo destinado a comentários adicionais na pesquisa, o diretor (1) contribuiu com a seguinte observação:

> "A educação financeira deve ser uma habilidade/competência integrada ao desenvolvimento dos estudantes em todas as escolas, uma vez que estamos formando cidadãos completos, críticos e autônomos." (Diretor 1)

O entendimento compartilhado pelos diretores das escolas sobre a importância da parceria com instituições financeiras ou órgãos externos revela uma visão alinhada quanto à necessidade de promover a educação financeira de forma abrangente. Esta colaboração é percebida como uma oportunidade para enriquecer o ambiente educacional, preparando os alunos não apenas para lidar com questões financeiras pessoais, mas também para entenderem o papel das finanças na sociedade.

Por outro lado, a variedade de métodos sugeridos, como eventos, palestras, criação de cartilhas e orientação para as famílias, destaca a amplitude das estratégias que podem ser empregadas nessa parceria, demonstrando um compromisso conjunto com o desenvolvimento integral dos estudantes. Além disso, a observação adicional do diretor (1) ressalta a importância de integrar a educação financeira ao desenvolvimento global dos estudantes, reconhecendo-a como uma habilidade essencial para a formação de cidadãos críticos e autônomos. Assim, a colaboração entre escolas e entidades externas não apenas fortalece a educação financeira, mas também contribui para a formação de indivíduos mais capacitados e conscientes na sociedade.

5. Considerações Finais

A análise dos dados coletados neste estudo revelou informações significativas sobre a importância da educação financeira nas escolas, destacando a percepção unânime dos alunos quanto à sua relevância para a vida pessoal e profissional. A pesquisa mostrou que a maioria dos alunos reconhece a necessidade de aprender a gerenciar o dinheiro de forma responsável e eficiente, embora alguns ainda tenham interesse em compreender os conceitos básicos da economia.

Os dados também evidenciaram uma lacuna preocupante na exposição à educação financeira entre os alunos, com todos os participantes afirmando não ter recebido nenhuma instrução formal sobre o tema na escola. Esta falta de exposição é particularmente alarmante, dado que esses alunos estão prestes a enfrentar desafios financeiros mais complexos na vida adulta. A autoavaliação dos alunos sobre seus conhecimentos financeiros reforçou essa preocupação, com muitos se sentindo apenas parcialmente seguros sobre sua capacidade de gerenciar suas finanças.

As opiniões dos alunos sobre a inclusão da educação financeira no currículo escolar variaram, com uma parte significativa apoiando a ideia, enquanto outros demonstraram preocupações ou resistência. Essa diversidade de opiniões reflete a necessidade de uma abordagem flexível e adaptável na implementação da educação financeira nas escolas. A colaboração com instituições financeiras ou órgãos externos foi vista como uma estratégia promissora para complementar o currículo escolar e garantir a relevância e sustentabilidade dos projetos de educação financeira.

É fundamental destacar o papel das cooperativas de crédito como agentes facilitadores no processo de educação financeira nas escolas. Essas instituições podem desempenhar um papel crucial ao oferecer recursos educacionais especializados, como palestras, workshops e materiais didáticos, que abordem temas relevantes, como orçamento, poupança, investimento e gestão financeira responsável. Ao trabalhar em conjunto com as escolas, as cooperativas de crédito podem criar uma rede de apoio abrangente que fortaleça a educação financeira dos jovens e os prepare para tomar

decisões financeiras conscientes e informadas ao longo de suas vidas. Essa colaboração não apenas enriquece o ambiente educacional, mas também contribui para o desenvolvimento de uma sociedade mais financeiramente instruída e resiliente.

Este estudo apresenta limitações importantes a serem consideradas, ou seja, a pesquisa foi realizada em escolas privadas de uma cidade, limitando a representatividade geográfica e institucional dos achados, bem como a falta de consideração do contexto socioeconômico dos participantes pode limitar a compreensão completa das atitudes e percepções em relação à educação financeira.

Em suma, este estudo contribui para a discussão em andamento sobre a importância da educação financeira e ressalta áreas para futuras pesquisas e intervenções educacionais. Ao integrar a educação financeira ao desenvolvimento global dos estudantes, as escolas podem formar cidadãos mais completos, críticos e preparados para os desafios do mundo atual.

Referências

ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL (ACI). **Princípios cooperativos**. 2020. Disponível em: https://www.ica.coop/pt/cooperativas/principios-cooperativos. Acesso em: 15 abr 2024.

ARRUDA, R. **Como promover uma educação financeira que seja mais acessível e inclusiva? 2023.** Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/colunas/seu-planejamento-financeiro/coluna/2023/12/. Acesso em: 28 de abril de 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Cidadania Financeira.** 2024. Disponível em https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira. Acesso em: 24 de janeiro de 2024.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BIRCHALL, J. **The Oxford Handbook of Mutual, Co-Operative, and Co-Owned Business.** Oxford University Press. 2018.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto, 1994.

CERBASI, G. **Pais inteligentes enriquecem seus filhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

CRESWELL, J. W. **Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2013.

D'AQUINO, C. **Educação financeira: como educar seus filhos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DOMINGOS, Reinaldo. **Terapia Financeira: reeducação financeira**. Editora DSOP, 2016

FONSECA, L. M. D.; BETTENCOURT, M. C. Interligando educação financeira e matemática no ensino básico: proposta didática para o 4.º ano. **Revista de investigação e divulgação em Educação Matemática,** Juiz de Fora, 2019.

GODFREY, N. **Dinheiro não dá em árvore: um guia para os pais criarem filhos financeiramente responsáveis**. 1 ed. São Paulo: Jardim dos Livros, 2007.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. **Pai rico, pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro.** 66. ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

MODERNELL, A. **Afinal, o que é educação financeira**. 2011. Disponível em: https://ucho.info/2011/09/08/afinal-o-que-e-educacao-financeira. Acesso em: 08 janeiro. 2024.

OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico**. Melhorando a alfabetização financeira: análise de questões e políticas.** Paris, 181 p., **2005**

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). **Recomendação do Conselho sobre Princípios e Boas Práticas de Educação Financeira ao Longo da Vida**. Paris: OCDE. 2012.

PERISSÉ, G. **Formação integral**: educação financeira como tema transversal. São Paulo: DSOP, 2014.

SCHNEIDER, J. O. **Democracia – participação e autonomia cooperativa.** São Leopoldo, UNISINOS, 1991.

SILVA, G.; REIS, D.; MARTINS, E. FORNARI, M. Educação financeira para o planejamento da aposentadoria. **Revista Eletrônica Calafiori**, v. 3 n. 2. 2019.